



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

**GT 3: Ensino Religioso Multiconfessional, Religiões,
Religiosidades e Intolerância Religiosa**

QUANDO O MISTICISMO E A PSEUDOCIÊNCIA LEGITIMAM A POLÍTICA

Gabriel Alex Principe (UENP) ¹
Alfredo Moreira da Silva Junior (UENP) ²

Resumo: Analisar o misticismo e a pseudociência no nazismo é uma tarefa perturbadora, mas necessária para combater as interpretações fantasiosas popularizadas pela cultura pop e por teorias conspiratórias. Este trabalho investiga a intersecção entre o ocultismo, a pseudociência e a política racial nazista, utilizando como base teórica especialistas como Nicholas Goodrick-Clarke e, principalmente, a metodologia de Pierre Rosanvallon sobre "o político". A pesquisa se justifica pela atualidade de discursos que misturam misticismo e política, como visto na pandemia de COVID-19. O estudo parte do século XIX, berço do nacionalismo alemão e do esoterismo, para então analisar como a SS materializou essas ideias em seus departamentos, como a *Ahnenerbe*, usando o revisionismo para legitimar a barbárie. Ao focar na esfera simbólica e ideológica do poder, em vez de apenas nas instituições formais, o trabalho busca compreender como o "impolítico" se tornou política de Estado. Por fim, cumpre o dever da História de alertar sobre os perigos dessa fusão entre razão e barbárie, contribuindo para a compreensão dos desafios políticos contemporâneos.

Palavras-Chaves: Misticismo. Pseudociência. Política. Nazismo.

INTRODUÇÃO

Abordar temas como misticismo e pseudociência se torna uma tarefa curiosa e profundamente perturbadora quando olhamos para nosso passado recente e vemos como as supostas constatações "científicas" foram usadas para justificar a exclusão, o sofrimento e a morte. Diante disso, esta investigação exige que identifiquemos com precisão os eventos, grupos e interesses que moldaram a ideologia e a ciência nazista. Um passo fundamental, pois nos afasta das interpretações fantasiosas e equivocadas que, impulsionadas pela imaginação da cultura pop e pelo senso comum, muitas vezes distorcem a realidade desse período.

São com os filmes, como os famosos *Indiana Jones e o Chamado do Destino* (2023) e *Os Caçadores da Arca Perdida* (1981), e com a própria curiosidade humana que tais assuntos acabam por gerar tanto interesse, estes são temas que desafiam nossa capacidade de compreender a "realidade", ou aquilo que estamos comumente acostumados a chamar de

¹ Graduando em História. UENP. E-mail de contato: gabrielalexpr@gmail.com

² Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, Professor Associado do Centro de Ciências Humanas e Educação da UENP Campus Jacarezinho. E-mail de contato: alfredo@uenp.edu.br

realidade, e acabam por criar teorias conspiratórias sobre seus desenrolares históricos. É assim que compreendemos o principal motivo que traz à tona os temas relacionados ao nazismo: eles são, ao mesmo tempo, sensíveis e necessários, sobretudo quando a análise se direciona à sua ciência e à sua política.

Preocupado e compreendendo este cenário, o presente trabalho buscou em historiadores especialistas do assunto, como nos livros de Nicholas Goodrick-Clarke e trabalhos de João Fábio Bertonha, fontes e interpretações confiáveis para investigarmos uma intersecção entre o misticismo, a pseudociência e a política racial nazista, ou de grupos entrepostos. Esta intenção de pesquisa surge da percepção e interpretação de atuais discursos políticos, ao qual mais uma vez a ciência constantemente vem a ser questionada e fenômenos religiosos/místicos são utilizados como narrativas para promoção de campanhas e indivíduos, como no recente caso da COVID-19.

Atentos que a esfera metodológica de análise da história política, por muito tempo, sofreu com métodos de interpretação puramente voltados ao jogo de poder, pelas instituições formais, eventos factuais ou figuras relevantes, o que limitava sua reflexão e desenvolvia favorecimentos aos que exerciam o poder hegemônico em seus tempos. Com isso, este trabalho se apropria dos novos estudos no campo histórico do político:

A história política, dentro e fora da historiografia francesa, tem se apresentado mais interessada nas diversas formas assumidas pelo poder, considerando-se não apenas seu caráter repressivo, mas inclusive o simbólico; sem que se recuse sua capacidade de coagir, mas observando-se seu potencial de produzir sentidos, parâmetros para a ação individual e coletiva dos homens. (Medeiros, 2017, p. 259)

Ponderando isso, buscamos no espaço metodológico desenvolvido por Pierre Rosanvallon os preceitos que guiarão nosso trajeto, em trabalhos como **Por uma História do Político** (2010) e **A Contrademocracia** (2022), nos oferecendo ferramentas para uma investigação aprofundada “do político”, compreendida como uma esfera maior:

A política é um lugar chave da vida coletiva, onde se estrutura a vida social. Além disso, as práticas políticas são legitimadas por representações simbólicas, idéias, ideologias, imaginário, mentalidades, mitos, que orientam e determinam comportamentos e condutas dos indivíduos e grupos sociais na defesa de seus interesses. Consiste num lugar por excelência de disputas pelo discurso capaz de mobilizar e sensibilizar o outro, a oposição e impor um consenso. (Miranda, 2011, p. 2)

Diante disso, propomos uma investigação das bases que alicerçaram uma crença mítica no regime nazista, que fomentaram teorias raciais em mitos, com a fachada de “ciência” e a legitimação da “tradição”, em busca de uma validação para a barbárie. Tal empreendimento nos leva ao século XIX, berço das elaborações nacionalistas e esotéricas, tempo da unificação

alemã e da intensa brasa na forja de seu espírito nacional. Após, trataremos de expor a manifestação de tais elos em práticas de um dos grupos mais importantes ligados ao nazismo, a *Schutzstaffel* (SS), com seus empreendimentos e departamentos operando para a legitimação do “impolítico”, com a utilização do revisionismo científico e histórico.

Por fim, interpretando este como dever da História e do historiador, procuramos, com este trabalho, fazer lembrar o quão perigosa estas manifestações “do político” são, em busca de contribuir para a pesquisa acadêmica e, especialmente, como forma de compreendermos os desafios atuais no qual, na política, razão e barbárie se misturam, manifestado em discursos que provocam descrenças e pessimismos, assim como em mentiras que causam sofrimento e mortes.

PAG

CONCEITOS POLÍTICOS EM TENSÃO: ESTADO E RAZÃO

Impulsionados pelo iluminismo no século XIX, o idealismo alemão foi um movimento filosófico dominante na Alemanha entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Nascido da obra de Immanuel Kant, que se caracteriza pela ideia central da mente, a consciência e as ideias, ou o Espírito, *Geist*, o fundamento de toda a realidade, a totalidade da Razão e da consciência. Em vez de ver o mundo material como primário e a mente como um reflexo dele, os idealistas argumentavam o oposto: o mundo que conhecemos é, de alguma forma, uma manifestação ou construção da mente. Seu objetivo principal foi superar a divisão kantiana entre o fenômeno e a “coisa-em-si”, em outras palavras, o mundo que podemos conhecer e um mundo incognoscível, buscando um sistema filosófico que explicasse a totalidade da existência a partir de um único princípio racional.

Para Hegel, a história universal é o palco onde o Espírito (*Geist*) se desenvolve e chega ao autoconhecimento e o objetivo final desse processo é a realização da liberdade. A história, dessa forma, teria uma direção e um propósito, assim como um ponto de culminação e esse “Fim da História” não significa que os eventos param de acontecer, mas sim que o princípio fundamental da realidade, a liberdade, foi finalmente compreendido e institucionalizado. Ele via isso se realizando no Estado germânico protestante, de sua época, a síntese perfeita da liberdade subjetiva do indivíduo e da ordem racional e ética da comunidade. Nesse Estado, os cidadãos obedecem às leis não por medo, mas porque reconhecem nessas leis a sua própria vontade racional e a liberdade se torna concreta.

No entanto, este herdeiro idealista flexionou uma série de teorias e críticas,

principalmente devido sua forma inversa de compreender a razão, que partia de uma primazia maior e que se manifesta como um guia à humanidade. Karl Marx, por sua vez, nos trás seu apontamento sobre essa inversão ao analisar o pensamento de Hegel, onde aponta: “Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico.” (Marx, 1867, p. 129). Para Marx, o Estado não é a encarnação da Razão universal, mas um instrumento da classe dominante para manter sua hegemonia, principalmente econômica, expondo o léxico de sua interpretação do motor que movimenta a história: a luta de classes.

Para aprimorar o marxismo e combater interpretações simplistas, o filósofo Louis Althusser, utilizou o conceito de "sobredeterminação", emprestado da psicanálise. A ideia central é que a contradição principal de uma sociedade, a luta de classes na economia nunca acontece de forma isolada e é sempre afetada e moldada por uma série de outras contradições nos campos da política e da ideologia. Esses outros campos não são meros reflexos da economia; eles têm "relativa autonomia" e poder de ação próprios. Portanto, a história não segue um caminho reto e previsível ditado apenas pela base econômica e na superestrutura, como no Estado e suas instituições, é que encontramos as condições que sustentam o sistema, tornando o determinismo histórico marxista um processo muito mais complexo e afastando-o de uma visão em que a economia, sozinha, dita o futuro.

Max Weber, por sua vez, se afastou das teorias deterministas da história, argumentando que os eventos têm múltiplas causas e são contingentes. Ele focou no processo de racionalização no Ocidente, o que levou ao "desencantamento do mundo" e aprisionou os indivíduos em uma "jaula de ferro" de burocracias impessoais. Weber mostra que essa mesma racionalidade, quando puramente instrumental e desvinculada de valores éticos, pode ser usada para fins terríveis e a eficiência da máquina burocrática nazista é um exemplo extremo: a barbárie não surgiu apesar da razão, mas através de uma razão instrumentalizada a serviço de fins desumanos.

Na obra **Dialética do Esclarecimento** (1985), Theodor Adorno e Max Horkheimer fazem uma crítica demolidora ao otimismo do Iluminismo. Eles argumentam que a razão iluminista, que prometia libertar a humanidade do mito, falhou e gerou novas formas de barbárie e a razão se tornou puramente instrumental: uma ferramenta para controlar a natureza e os seres humanos, perdendo seu potencial crítico. A ascensão do nazismo mostrou que a "inteligência" tradicional, a razão burguesa baseada em regras e negociação, é inútil quando o poder passa a agir pela força bruta, destruindo o diálogo e a própria base da racionalidade.

O filósofo Jean-Paul Sartre, escrevendo após a Segunda Guerra Mundial, argumentou que a barbárie não resulta de falhas da razão ou de determinismos históricos, mas de uma escolha existencial. Para Sartre, o ser humano está "condenado a ser livre", o que implica uma responsabilidade total por suas ações. A barbárie surge da má-fé: quando os indivíduos fogem da angústia dessa liberdade, aderem a ideologias totalitárias que lhes dão falsas seguranças e culpam o "outro" pelos problemas. Assim, a crueldade não é um acidente, mas uma possibilidade sempre presente, fruto de escolhas humanas.

Diante do exposto, a evolução dos conceitos de Razão e Estado no pensamento moderno revela uma tensão contínua. Partimos da confiança iluminista na Razão como guia para um Estado justo, visão amplamente desafiada por críticos que mostraram o Estado como um instrumento de poder, a razão burocrática como uma "jaula" ambígua, e a própria razão instrumental como uma fonte de perigo. A análise das tensões no pensamento político, conforme aponta Pierre Rosanvallon, mostra como as promessas e os fracassos das ideias políticas criaram o terreno para ideologias trágicas e fenômenos como o Nazismo nos mostram que não há uma explicação simples, mas sim uma complexa interação entre estruturas de poder, a natureza da razão e a responsabilidade individual.

D A G

FABRICAÇÃO DO POVO: MITO, SÍMBOLO E NACIONALISMO

Na primeira metade do século XIX, a região da atual Alemanha era um terreno fértil para novas ideias. Politicamente fragmentada em diversos estados, mas unida por laços culturais e linguísticos, a região sentia uma forte carência de identidade e um desejo de unificação, cenário que alimentou o surgimento de vários movimentos e ideologias que buscavam forjar uma identidade alemã mais autêntica e unificada, muito antes da unificação política de 1871.

Nesse contexto de busca por uma identidade alemã, a redescoberta de mitos e tradições populares, como as sagas nórdicas, os contos compilados pelos irmãos Grimm e artistas como Richard Wagner tornou-se crucial, usaram esse material para moldar uma identidade nacional, exemplificando a "fabricação do povo" através do mito e da emoção. O filósofo Étienne Balibar analisa esse processo, mostrando como a criação de uma identidade coletiva, baseada em elementos idealizados, frequentemente leva à exclusão de grupos definidos como "estrangeiros".

Temos a construção da Alemanha, como fruto de um trabalho feito por artistas como Richard Wagner, que edificaram um Ethos etnolinguístico-cultural que traduz a essência da nacionalidade. Este processo de elaboração de uma identidade, de

produção de uma memória que seja comum a todos, é uma idealização da representatividade legítima do passado. (Tovo, 2018, p. 56)

A genialidade de figuras como Wagner e o poder avassalador da música e do mito para oferecer uma resposta à carência de identidade de sua época deu aos alemães uma narrativa grandiosa sobre si mesmos, repleta de heroísmo, destino e pureza espiritual. Ao fazer isso, ele não apenas refletiu o nacionalismo de seu tempo, mas o moldou ativamente, criando um imaginário coletivo poderoso que ajudou a "fabricar" a ideia de um povo alemão unificado, mas que também carregava as sementes perigosas da exclusão e do racismo, herança direta do espírito do tempo em que se inseria.

Um dos principais pontos da cultura popular são os mitos. Elementos que procuram explicar a origem de um determinado grupo, dando-lhes sentido e pertencimento, os mitos são formulados a partir de características universais, o que faz com que eles sejam facilmente reconhecíveis e assimilados por qualquer um. O mito do herói é construído dentro da ideia de um ser bom, justo, digno, honrado, etc., mas que mesmo sendo possuidor de tantos aspectos positivos, é passível de dúvidas e incertezas. (Tovo, 2018, p. 50)

É importante enfatizar que não há evidências de que Wagner praticasse ocultismo ou pertencesse a sociedades secretas. No entanto, sua obra ofereceu um rico repertório de mitos e símbolos que foram avidamente usados por grupos esotéricos e nacionalistas, na qual a atmosfera mítica, a celebração de um passado heroico, o nacionalismo exacerbado e o antissemitismo criaram um terreno fértil para apropriações e resignificados, como o exemplo do nazismo, que o elegeu como um de seus precursores espirituais, explorando o poderoso imaginário que ele criou, mesmo não havendo vínculo algum entre o artista e o regime.

Por fim, em vez de resolver as tensões da modernidade com uma política tradicional, a solução foi regressiva ao buscar mitos fundadores para fabricar um conceito para o "povo" (*Volk*). Essa abordagem não se limitou a um partido, mas uniu fragmentos de ideias que ressoavam nos indivíduos, como o racismo, e abriu caminho para ideologias que viam no mito, na raça e na violência os verdadeiros pilares da ordem política, valores compartilhados com o esoterismo e o ocultismo da época, criando uma ponte entre estes.

ESPAÇOS COMPARTILHADOS: ESOTERISMO E NACIONALISMO

No mesmo ambiente do nacionalismo *völkisch* e do antissemitismo que buscava uma identidade alemã, também encontramos sociedades esotéricas como a Teosofia e a Sociedade Thule. Essas correntes ofereciam explicações místicas para a "crise da modernidade", misturando racismo e nacionalismo, funcionando como uma "contrapolítica",

criando símbolos e narrativas para se opor à ordem liberal. A Teosofia de Blavatsky, por exemplo, usou uma mistura distorcida de darwinismo social, em sua doutrina das "raças-raiz", e do orientalismo, uma construção ocidental do Oriente, para forjar uma visão de mundo secreta e supostamente superior, fornecendo um arsenal ideológico que, mais tarde, indiretamente influenciaria o nazismo.

Helena Blavatsky acreditava que o universo se materializou aos poucos, de forma gradual, passando de estados de composição mais sutis aos mais grosseiros, que seria o nosso plano físico. Seres celestiais se responsabilizaram por organizar a evolução da matéria e estes teriam criado no planeta Terra, durante o tempo de sete rondas, ou eras; setes raças, e cada uma dessas sete raças-raízes se desdobraria em sete sub-raças. Cada uma diferente entre si nos aspectos interiores e exteriores. (Castro, 2016, p. 117)

PAU

A Teosofia de Blavatsky possui duas características centrais e contraditórias. A primeira é uma visão de "fraternidade universal", que busca unir todas as religiões e filosofias, afirmando que todas compartilham uma única "verdade essencial". No entanto, a segunda característica contradiz diretamente a primeira: ela introduz uma hierarquia racial excludente através do conceito de "sub-raças", que atribui diferenças físicas e espirituais a diferentes grupos étnicos, organizando-os em uma escala evolutiva.

A ideia de uma "raça ariana" primordial, detentora de sabedoria oculta, introduziu um elemento racial em sua cosmologia e, embora Blavatsky não fosse pangermânica, essa teoria foi rapidamente apropriada e distorcida no contexto alemão e austríaco. A noção de uma raça superior destinada a guiar a humanidade foi remodelada politicamente, fazendo da raça, não da cidadania ou do contrato social, o fundamento da identidade coletiva e da legitimidade política.

É essencial entender que sociedades esotéricas funcionaram como "laboratórios" de identidade, assim como a arte de Wagner. No entanto, seria simplista culpar apenas essas teorias pela ascensão de Hitler, já que ela não pregou o extermínio, mas seu racismo e exaltação de um passado mítico faziam parte de um contexto histórico mais amplo e sofreu com interpretações e ressignificações. Por exemplo, a radicalização e politização do esoterismo se tornam mais claras na Ariosofia de Guido von List e Lanz von Liebenfels. Derivada dessas teorias da Teosofia, a Ariosofia tinha um foco explicitamente racista e pangermânico, vendo a história como uma luta cósmica entre a "raça ariana divina" e as "raças inferiores", especialmente os judeus.

Segundo Goodrick-Clarke, as ideias dos ariosofistas influenciaram o Reichsführer Heinrich Himmler na década de 1930, contribuindo em seus projetos acerca da pré-história germânica, especialmente seus planos visionários para o Grande Reich Germânico no terceiro milênio. Devido ao surgimento do neopaganismo e a constante antipatia em relação ao cristianismo pelos fascistas, a ariosofia ofereceu a essas pessoas um projeto "de crenças religiosas que ignora o cristianismo em favor de uma

mistura de tradições míticas e novos conceitos científicos da elite acadêmica contemporânea na Antropologia, na Etimologia, na História Antiga e na religião comparada”. (Meinerz, 2018, p. 41)

A Ariosofia propunha abertamente uma teocracia racial baseada na eugenia e legitimada por uma suposta "sabedoria ariana". No entanto, é crucial notar que não há elos diretos que conectem as figuras-chave da Ariosofia ao alto escalão do Nazismo, sendo que sua influência se deu no campo das ideias e do imaginário, de forma indireta.

Por fim, a Sociedade Thule, fundada em Munique após a Primeira Guerra Mundial, foi uma organização secreta que convergiu esoterismo, nacionalismo contrarrevolucionário e antissemitismo militante sob a fachada de um grupo de estudos culturais. A Thule funcionou como um espaço de mobilização política, combinando a crença na superioridade ariana, derivada da Teosofia e Ariosofia, com teorias da conspiração como **Os Protocolos dos Sábios de Sião** (1903), e seu projeto político era imediato e claro: combater o bolchevismo e a recém-formada República de Weimar.

A Sociedade Thule certamente atuou como um importante foco para círculos nacionalistas e racistas no final da Primeira Guerra Mundial e forneceu apoio militar contra a revolução de esquerda na Baviera durante a primavera de 1919. Ela pode ser justificadamente considerada um grupo de apoio e predecessora do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Os laços organizacionais e pessoais passaram diretamente da Sociedade Thule, por meio de um Círculo Político dos Trabalhadores, para o Partido dos Trabalhadores Alemães, o precursor do Partido Nazista. (Goodrick-Clarke, 2001, p. 114, tradução nossa)

A influência direta da Sociedade Thule sobre Hitler ou o alto escalão nazista é frequentemente exagerada, como também destaca o especialista Nicholas Goodrick-Clarke. No entanto, é inegável que a Thule teve um papel nos primórdios do Partido Nazista. Sob a perspectiva de Rosanvallon, a Thule operou no nível do "político": ela propôs novos conceitos para a vida em comum, onde a raça era o fundamento, o líder encarna a vontade racial e a história era uma luta cósmica, tudo expresso por símbolos como a suástica e as runas.

A MATERIALIZAÇÃO SIMBÓLICA E BUROCRÁTICA

A escolha e a reforma do Castelo de Wewelsburg pela SS, a partir de 1934, não foi um capricho de Heinrich Himmler, mas uma tentativa de criar um centro sagrado para a "nova ordem". Um castelo renascentista localizado próximo a floresta de Teutoburgo e pretendia se tornar o principal centro ideológico e espiritual dessa organização. Ele não era um campo de concentração ou uma base militar, mas sim um centro de culto e um mosteiro secular para a elite da SS.

Isso mostra, como diria Rosanvallon, que a legitimidade política precisa de uma dimensão simbólica e a fusão da burocracia do terror com o misticismo racial. Essa fusão nos leva à "banalidade do mal" de Hannah Arendt: burocratas como Eichmann, sem serem monstros fanáticos, cometeram atrocidades por cumprirem ordens diligentemente, indiferentes ao sofrimento que causavam e Wewelsburg exemplifica isso perfeitamente: sua construção usou a razão instrumental, como a gestão e trabalho escravo, a serviço de um propósito irracional e místico, um centro de culto neopagão para a elite da SS.

Começou sua carreira como museu e colégio de oficiais da SS para educação ideológica dentro do Escritório Central de Raça e Colonização, mas foi então colocado sob o controle direto do Estado-Maior Pessoal do Reichsführer-SS em fevereiro de 1935. Essa transferência refletiu a nova ideia de Himmler de transformar o Wewelsburg em um castelo da ordem da SS, comparável ao Castelo de Marienburg, dos Cavaleiros Teutônicos medievais na Prússia. No final da década de 1930, Himmler e o comandante do castelo, Manfred von Knobelsdorff, realizaram cerimônias de casamento pagãs em Wewelsburg para oficiais da SS e suas noivas e organizaram festivais de primavera, colheita e solstício para a guarnição e a vila. (Goodrick-Clarke, 2004, p. 125)

O Escritório Central de Raça e Colonização (*RuSHA*) foi uma instituição sinistra da SS, criada por Himmler e Richard Darré em 1931 para implementar as políticas raciais nazistas. Sua função primordial era a rigorosa seleção racial dos membros da SS e seus candidatos passavam por exames genealógicos detalhados para comprovar a ascendência "ariana" e por avaliações físicas para se encaixarem no ideal nórdico. O objetivo era criar uma elite racial dentro da SS, e aqueles que não passavam na triagem eram sumariamente rejeitados, independentemente de sua lealdade ou habilidades.

Dentro dessa estrutura burocrática da *RuSHA*, o Departamento de Pré-História e História Arcaica, 1933-1939, era discrepante. Liderado por Karl Maria Wiligut, sob o pseudônimo de Weisthor, este departamento era puramente ideológico e místico, com a função de fabricar uma base espiritual para a SS, com Wiligut usando de suas supostas "memórias ancestrais" para reconstruir uma religião pagã chamada de "Irminismo". Conhecido como o "Rasputin de Himmler", Wiligut, um ex-coronel austríaco, foi a primeira conexão documentada entre o misticismo e a pseudociência no alto escalão da SS, legitimado por sua reputação de ser o último descendente de uma linhagem de sábios germânicos.

Em virtude de sua suposta posse de memória ancestral e uma representação inspirada de tradições germânicas arcaicas, Wiligut se tornou o mentor favorito de Heinrich Himmler em assuntos mitológicos e recebeu uma designação oficial para pesquisa pré-histórica na SS entre 1933 e 1939. Consultado por seu patrono sobre uma ampla gama de questões, a influência de Wiligut se estendeu ao design do anel de caveira usado por membros da SS, à concepção de Wewelsburg como o castelo da ordem da SS e à adoção de outras cerimônias projetadas para conferir uma aura tradicional à

ideologia da SS de elitismo, pureza racial e conquista territorial. As ideias de Wiligut eram semelhantes às de Guido von List, o ocultista rúnico e ariosophista próximo de Lanz von Liebenfels, e Wiligut tinha ligações com membros da ONT desde 1908. (Goodrick-Clarke, 2004, p. 135-136, tradução nossa)

Wiligut e seu departamento representaram a ação direta da ideologia mística no coração da SS e suas ideias tiveram influência direta em projetos posteriores como a *Ahnenerbe* e o já mencionado Castelo de Wewelsburg. A SS, ao financiar esses estudos, materializou o que Rosanvallon chama de "impolítico": a dissolução da política em favor de soluções simplistas e míticas para problemas complexos. A busca pela "superioridade racial" se tornou a base legal para a violência, transformando o "impolítico" em política de Estado.

Também, a *Ahnenerbe*, Comunidade para a Investigação da Herança Ancestral, foi a expressão mais organizada da busca pseudocientífica do nazismo por legitimidade racial. Fundada em 1935 por Himmler, sua missão não era uma busca pelo conhecimento, mas a fabricação de um passado glorioso para a raça ariana, reescrevendo a história para se alinhar à ideologia nazista, através de escavações e estudos, que buscavam "provas" dessa herança, reinterpretando artefatos e monumentos. O objetivo mais profundo da *Ahnenerbe* era redefinir os próprios conceitos de "história" e "identidade", controlando o passado para dominar o presente e moldar o futuro, transformando a história em uma ferramenta política revisionista sem qualquer rigor científico.

Durante a guerra, a *Ahnenerbe* participou diretamente de saques de arte e de brutais experimentos médicos. Seu crime mais notório foi a coleta de esqueletos de prisioneiros judeus em *Auschwitz*, sob a direção de August Hirt, para "provar" cientificamente a inferioridade judaica. Nesse ponto, a linha entre pesquisa e participação no genocídio se apaga, e a "ciência" se torna um instrumento direto da barbárie. Também, a organização foi co-fundada por figuras controversas como Herman Wirth, seu primeiro presidente, que teorizou sobre uma civilização ariana primordial na Atlântida, vendo o nazismo como a restauração dessa pureza. O já mencionado Richard Darré também atuou, com sua ideologia do "Sangue e Solo", e defendia uma conexão mística entre a raça alemã e sua terra, usando a *Ahnenerbe* para justificar a expansão para o leste em busca de "espaço vital".

Por fim, a análise da *RuSHA* e da *Ahnenerbe* nos leva de volta à "banalidade do mal" de Hannah Arendt, onde a máquina de destruição nazista não foi operada apenas por fanáticos, mas por burocratas e "cientistas" que, ao cumprirem ordens fabricadas no impolítico, cometiam crimes revestidos pelo aparato legal. O legado da pseudociência e do ocultismo no nazismo, exemplificado por figuras como Wiligut e por organizações como a *Ahnenerbe*, é um

alerta sombrio sobre os perigos da manipulação do conhecimento e do revisionismo histórico. A fusão de pseudociência, misticismo e burocracia da destruição, onde a razão foi pervertida para justificar a barbárie, é um dos aspectos mais perturbadores do regime nazista.

CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto e compreendendo como necessária uma reflexão, devidamente diferenciada em suas realidades, indivíduos, espaços e discursos, indagamos até onde os discursos negacionistas, os posicionamentos extremistas, a descrença e desgastes das aporias democráticas, compreendidas como as tensões internas e permanentes que existem no coração da própria democracia e que não podem ser resolvidas de forma definitiva, do tempo presente podem estar imersas em razões pseudocientíficas e crenças míticas de superioridade.

O Brasil, em pleno pleito eleitoral no ano de 2018, esteve imerso por uma onda da extrema direita que utilizou de campanhas pseudocientíficas e conduziu bases para a vitória do candidato Jair Messias Bolsonaro. Como exemplo, com base no trabalho de Ismael Bastos, expõe como Ernesto Araújo, um diplomata de carreira do Itamaraty, que viria a ser indicado por Olavo de Carvalho para Ministro das Relações Exteriores do governo Bolsonaro, antes de sua nomeação, teve uma matéria da revista Carta Capital que chamou a atenção para seu blog pessoal: Metapolítica 17, cujos escritos eram considerados surpreendentes para um futuro chanceler. Em um dos artigos, Araújo afirmava que a esquerda "sequestrou" a causa ambiental, criando o "climatismo", um dogma que culpa o CO2 pelo aquecimento global enquanto ignora "dados que sugeriam o contrário". O texto, no entanto, nunca especifica quais seriam esses dados.

O próprio Olavo de Carvalho, o falecido "guru" da extrema direita, chama muita atenção. Em seus livros e cursos online, ele abordava temas políticos e sociais com uma linguagem agressiva e seus seguidores, frequentemente descritos como fanáticos, adotavam seus métodos de ofender e atacar verbalmente nas redes sociais qualquer um que confronte as ideias de seu mestre, promovendo "linchamentos morais" e, por vezes, invadindo as páginas de seus críticos a conselho do próprio Olavo.

Impulsionado por eleições de líderes de direita em países como EUA, Reino Unido e Brasil, observa-se o crescimento de movimentos neofascistas na última década, difundiu discursos extremos para o *mainstream* e a internet em geral. Elementos antes restritos a nichos, incluindo conceitos esotéricos, agora são reproduzidos por figuras públicas. Um exemplo é Joe

Rogan, apresentador do maior podcast do mundo, que mencionou o "Kali Yuga". É inegável que a cultura de memes e a propagação irônica de conteúdos extremos têm sido fundamentais para a expansão dessas narrativas. Porém, não nos distanciando do Brasil, temos a reportagem do New York Times, com título: “Joe Rogan, do Brasil, enfrenta sua própria tempestade de críticas à liberdade de expressão” (tradução nossa) de 2022, reportagem que revela as polêmicas envolvendo assuntos como nazismo abordadas por Bruno Aiub, conhecido nas redes de comunicação digital como “Monark”.

São essas, assim como as falas do ex-presidente Jair Bolsonaro e o fanatismo do grupo bolsonarista, que ocupam a preocupação reflexiva sobre os perigos da legitimidade baseada em pseudociência ou misticismo, como o caso das vacinas durante a pandemia do COVID-19. Situação em que este grupo se aproveitou para questionar a ciência, recusar a compra de vacinas e apoiar utilização de hidroxicloroquina, ou simplesmente cloroquina, mesmo sem nenhuma comprovação de sua eficácia, orientando seus mais militantes seguidores, “cegos” por seus ideias e acreditando em “verdades” secretas reservadas em um fictício imaginário comum de luta contra o “comunismo”, causando a morte de mais de 700 mil pessoas pela doença.

Novamente, ao que cabe a esta reflexão e seus cuidados com a evidente separação de seus tempos históricos, adequadamente compreendemos e buscamos nos ater aos elos teóricos em que a pseudociência e o misticismo se aninham em discursos ainda presentes nos tempos atuais, fazendo com que a história e toda a ciência sejam colocados em cheque por movimentos de aporia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALTHUSSER, Louis. **Política e história**: de Maquiavel a Marx. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo. Companhia das Letras. São Paulo. 1990.

BASTOS, Ismael de Freitas. **A nova direita e o revisionismo histórico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

BERTONHA, João Fábio. Nazismo, ocultismo e conspirações. **História Unisinos**, vol. 11, núm. 3, setembro-dezembro, 2007, pp. 381-384. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São

Leopoldo, Brasil.

BESANT, Annie Wood. **A Visão Teosófica das Origens do Homem**: um Ensaio sobre Antropologia Esotérica / Annie Besant, C. W. Leadbeater; tradução Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 2009.

BLAVATSKY, Helena P. **A Doutrina Secreta**. Vol. 1. São Paulo : Pensamento, 2012.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **As raízes ocultistas do nazismo**: cultos secretos arianos e sua influência na ideologia nazi (os Ariósofos da Áustria e da Alemanha, 1890-1935). Lisboa: Terramar, 2002.

_____. **Sol negro**: cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. São Paulo: Madras, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5a Edição. Trad. Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MEINERZ, Marcos Eduardo. “Hitler me disse”: Considerações sobre a relação do nazismo com crenças ocultistas ao longo do século XX. **Espaço Plural** • Ano XIX • Nº 38 • 1º Semestre 2023. p. 01-34. ISSN 1981-478X.

MONIZ, Luiz Cláudio. **Mito e Música em Wagner e Nietzsche**. São Paulo: Madras, 2007.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. Trad. Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. **A contrademocracia**: a política na era da desconfiança. Tradução de Cícero Araujo. São Paulo: Instituto Pólis, 2009.

WEBER, Max. A Política como Vocação. In: WEBER, Max. **Ciência e Política, Duas Vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. p. 53-124.

* * * * *